

Washington Araújo

Introdução

CAI O MURO DE BERLIM

UNIFICAÇÃO DAS "ALEMANHAS" APAGA ÚLTIMA CICATRIZ

DA GRANDE GUERRA

O LESTE EUROPEU RESPIRA LIBERDADE COM O FIM DO

IMPÉRIO SOVIÉTICO

AFASTADO PERIGO DE HOLOCAUSTO NUCLEAR

EUROPA UNIDA: SURGE UM PAÍS-CONTINENTE

PAÍSES LIVRES SE UNEM PARA DEFENDER A PAZ NO

GOLFO PÉRSICO

ISRAEL E OLP APÓS 45 ANOS FAZEM A PAZ

O MUNDO SE REÚNE NO RIO DE JANEIRO PARA PROTEGER

O MEIO-AMBIENTE

ESTADOS UNIDOS, CANADÁ E MÉXICO SE UNEM NA NAFTA

MULHER INDÍGENA CONQUISTA O NOBEL DA PAZ DE 1992

MAIORIA DOS PAÍSES SUL-AMERICANOS CONQUISTA DEMOCRACIA

MERCOSUL REÚNE ARGENTINA, BRASIL,

PARAGUAI E URUGUAI

APARTHEID NA ÁFRICA DO SUL TEM OS DIAS CONTADOS

ESCRITORA NEGRA GANHA O NOBEL DE LITERATURA DE 1993

Estas são algumas das notícias que a imprensa divulgou em todo o mundo. Simbolizam dois eventos concomitantes: o epitáfio da Velha Ordem e a primeira lufada de ar puro da Nova Ordem Mundial que está nascendo. Ante nossos olhos atônitos.

Mutação acelerada.

É assim que resumo os recentes acontecimentos mundiais. Como águas de muitos rios que avançam rumo a um imenso oceano, onde se encontram metas, aspirações e sonhos de povos, racas e nações. Estamos também navegando para este grande oceano a que chamamos de mundo e começamos, desde logo, a apreciar a bela variedade humana que o conjunto nos proporciona.

Conflitos seculares sepultados. Ideologias salvadoras em derrocada. Conceitos infantis, como o da superioridade racial, abolidos.

As concepções que a emergência de uma Nova Ordem Mundial propicia não podem nos deixar alheios ao grande processo posto em movimento, desde meados do século XIX.

Um tempo para rever suposições e avaliar paradigmas ultrapassados e que já não nos satisfazern mais. Tempo de resgatar o humano da humanidade, a divindade de Deus. Tempo de construir a paz duradoura entre os povos do mundo. E a planetização da raça humana.

Em breve, as linhas a que chamamos de fronteiras entre as nações, serão completamente anuladas, não pela força de uma guerra que, como epidemia fazia sucumbir o espírito humano; mas, antes, pelo poder de uma época que será a consumação da promessa de todos os tempos - um novo céu, uma nova terra.

A uma moral doentia, divorciada dos princípios eternos que sustentam a Justiça, cabe-nos restaurar a sua essência, na prática cotidiana. Cada um no seu ofício a oferecer os mais belos frutos para a cura das nações.

O primado dos Direitos Humanos, protegendo como um imenso manto os povos sofridos, assegurando-lhes as garantias e direitos fundamentais estabelecidos na Carta das Nações Unidas.

O resgate da imensa solidão de espírito de nossos bravos antepassados indígenas.

A valorização da mulher em todos os segmentos da vida social, encerrando o longo período a que foram confinadas como cidadãs de segunda classe.

A dádiva da educação aos Meninos de Rua, que passeiam impunes seus projetos de vida, vítimas de uma velha ordem "lamentavelmente defeituosa" e que são, antes de tudo, a matéria-prima da civilização que desejamos, genuinamente, edificar.

O racismo, que corrompeu milhões de seres humanos e barbarizou outros tantos ao longo da história da humanidade torne-se uma página virada.

A unidade religiosa através da compreensão de que em todos os Livros Sagrados encontramos um reflexo de uma mesma realidade espiritual: somos todos irmãos e temos um "destino comum inevitável". E observo com alegria uma busca do homem moderno pelo transcendental, pelo místico: é um retorno à simplicidade da existência, da comunhão com o Eterno.

Estes e outros temas merecem nossa atenção e esforços, pois caracterizam o espírito desta época em que vivemos.

Feitas estas considerações, resta-me agradecer aos amigos: Cyrus Monadjemi, Edna Duarte, Farhad Shayani, Iradj Roberto Eghrari, Osmar Mendes, Qodrat Soltani, Razi Milani, Robert Miessler, Shahín Rezaiéh e Virgínia Montejo pelo constante apoio, estímulo e encorajamento, sem os quais este livro não viria à existência e também à minha querida esposa, Ceres e aos filhos, Thomas, Jordana e Anísa, pelos muitos meses em que os privei de um convívio familiar pleno, meu crescente amor.

Washington Araújo

Nova Ordem Mundial

Novos Paradigmas

PARADIGMA. Muita atenção ao ouvir esta palavra de origem grega: paradeigma. Ela ficará na história dos anos finais deste século. O que vem a ser um paradigma? É um conjunto de conceitos, bem estabelecidos, que reputam verdades como fundamentais, constituindo um padrão ou modelo. A título de ilustração, os defensores do sistema geocêntrico firmaram um paradigma no qual a Terra era o centro do universo. Uma mudança de paradigma foi estabelecida pelo astrônomo e físico

italiano Galileu Galilei (1564-1642), descartando-se o conceito anterior e afirmando-se o sistema heliocêntrico: o Sol tem sua primazia no universo.

Um exemplo mais corriqueiro é necessário. Por volta de 1965, a Suíça era o maior fabricante de relógios do mundo, chegando a responder por 85% do mercado mundial de relógios de pulso. Certo dia, um dos empregados de uma de suas grandes relojoarias concebeu a invenção de um relógio que utilizaria o quartzo. Os executivos da fábrica, ouvindo seus técnicos, consideraram a idéia inócua: como imaginar um relógio sem corda, sem as dezenas de microengrenagens?

Não satisfeito com a avaliação de sua idéia, o tal funcionário apresentou-a a uma fábrica de relógios japonesa resultando isso em uma revolução na indústria relojoeira. Hoje, a Suíça, mesmo incorporando o quartzo em seus relógios, ocupa não mais que 10% desse mercado mundial. O Japão e os Estados Unidos detêm a liderança do mercado.

E este é, apenas, mais um exemplo da importância de um paradigma. A mudança de concepção de um relógio dissociado dos padrões correntes de produção causou uma reviravolta em todo um segmento industrial.

Isto posto, constatamos que uma mudança paradigmática é causadora, em muitos casos, de vertiginosos progressos e lança luz sobre áreas até então inibidoras de pesquisas para adoção de novas metodologias, parâmetros e padrões. Sem a coragem de criar, questionar e refletir sobre o "não refletido", não existiriam descobertas e invenções. E, portanto, inexisteria progresso científico.

Albert Einstein foi emblemático ao afirmar que "algo só é impossível até que alguém duvide e acabe por provar o contrário"; e, tempos depois, daria sua receita pessoal, uma receita com a marca da genialidade e com palavras simples, porém profundas, disse: "Penso 99 vezes e nada descubro. Deixo de pensar, mergulho no silêncio e a verdade me é revelada."

À medida que nos aproximamos do terceiro milênio, encontramos condições propícias ao surgimento de novos paradigmas. Estes por sua vez causarão uma guinada profunda no futuro da humanidade. Talvez mais, ou pelo menos tão revolucionário e instigante quanto o enunciado de Einstein para uma Teoria da Relatividade, alterando profundamente o rumo da Física e, por

consequente, outros campos de pesquisa científica.

As idéias correntes, aceitas sem contestação, conduzem a humanidade ao conformismo e produzem uma reação contrária, às vezes brusca: é lago plácido que se agita com o arremesso de uma pedra, as ondas perturbam o status quo.

Não é de se admirar que Galileu tenha tido que abjurar suas idéias, heréticas para a época, ante o calor de uma fogueira que selaria seu destino. Alí arderia a chama da ignorância e o combustível do conformismo reduziria a cinzas uma nova visão da ciência. Mas o que nos interessa, basicamente, são as mudanças estruturais nas relações entre nações, bem como aquelas entre indivíduos.

A proclamada Era de Aquário nos remete a temas do humanismo, ao positivismo de Comte, à filosofia de Sartre e também ao misticismo. A busca da felicidade volta a ser a meta hodierna. É um contraponto ao racionalismo e envolve expoentes brilhantes como Fritjof Kapra com seus Tao da Física e Ponto de Mutação, Stephen Hawking com uma nova teoria para a criação do universo. São os físicos iluminados, nestas últimas décadas, pela luz do espírito humano em "busca de meios para se satisfazer".

O conceito de governo autocrático, com as decisões tomadas de cima para baixo, deve dar espaço aos postulados da ciência política, que elabora o governo participativo, onde as bases expressam seus anseios, esperanças e necessidades; e se engajam em um processo efetivo de mudanças estruturais, sendo partícipe da construção de seu futuro. Foi-se o tempo em que o destino de uma cidade ou de uma nação deveria ficar concentrado nas mãos de um governante. A História mostra o quanto tal realidade impede o progresso.

O processo decisório que no momento é uma vertente da autocracia e, portanto, viciado em posturas demagógicas e em "salvadores da pátria", deve ser substituído pelo princípio da consulta coletiva. As partes envolvidas em um problema devem ser ouvidas, os fatos devem ser claramente estabelecidos e a liberdade de voz e voto, na tomada da decisão, devem constituir as bases de um processo decisório sadio e eficaz.

O conceito de liderança individual que sempre se pautou na supremacia da personalidade do líder,

visto como uma forma de possuir prestígio pessoal, alimentador de vaidades e meio para a obtenção de recursos materiais, deve ceder lugar a sentimentos mais nobres e elevados, que coloquem o bem coletivo acima do desejo individual. E tem na conjugação de qualidades morais, espirituais e éticas, uma nova senda a ser trilhada, na qual o ato de servir será a aspiração maior. Serviço inegoístico passa a ser a característica exigida das novas lideranças. Cursos de formação de líderes darão especial atenção ao resgate desses valores.

O sentimento de superioridade racial, com sua longa história de sofrimentos, guerras e conflitos étnico-raciais cederá espaço à proposta de unidade racial, onde todos são considerados irmãos, descendentes de Adão, frutos de uma mesma árvore, chamada humanidade. Com o ressurgimento de movimentos racistas na Europa, em especial na Alemanha contra a minoria turca residente no país, os países tendem a investir na prevenção desse mal, chegando a impor sanções econômicas drásticas - tal o ocorrido contra o apartheid na África do Sul.

A idéia do nacionalismo, com sua visão limitada da humanidade, não mais resiste à constatação da crescente interdependência entre as nações do mundo, ainda mais quando observamos que nenhuma nação é autosuficiente na produção de matérias-primas essenciais (alimentos, por exemplo) e por conseguinte, não conseguirá preços competitivos no mercado internacional. A par disso, o desenvolvimento tecnológico a que chegamos exigirá um verdadeiro pool de países para a otimização da produção mundial. A amplitude de um reconhecimento da unidade do gênero humano requer a superação do conceito de soberania nacional. Um dos mais veementes exemplos da necessidade desse novo patamar de relações internacionais é a preocupação mundial com o meio-ambiente e a ecologia do planeta. O planeta é um bem que interessa a todos, independente de sua origem nacional. A humanidade avança, então, para o conceito integral de que "a terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos". Estamos em uma era de planetização. As lealdades menores cedem espaço a uma lealdade maior, que abarque o mundo em um processo contínuo, com um sistema monetário e alfandegário únicos, além de uma série de benefícios que passarão a ser comuns em qualquer país daquele continente.

O sistema de educação, que ora privilegia a aquisição de conhecimentos técnico-científicos, o uso da razão pura e simples, a constatação dos fenômenos naturais, deverá ser complementado por uma visão integral e coesiva do ser humano, dando destaque aos frutos do espírito humano em um contexto de livre e independente busca da verdade e de renascimento das qualidades morais e

espirituais como honestidade, veracidade, solidariedade: "Uma flor é bela, não importa em que jardim floresça. A luz é boa, não importa em que lâmpada brilhe." Avançamos para uma compreensão toda abrangente de que "o conhecimento é um ponto, os ignorantes o multiplicaram!"

O papel da Imprensa, marcado pelo corporativismo e pelo poder financeiro como agente manipulador da informação estão com os dias contados. A gestação de um novo paradigma requer a coragem de se publicar a verdade, embora se apresente escamoteada a inteligência para reconhecê-la, embora se encontre sob muitos disfarces. Os meios de comunicação darão asas à imaginação humana e vocalizarão seus mais belos anseios por um mundo unido. Chegaremos ao verdadeiro papel da Imprensa: refletir a realidade e sobre a realidade, em completo compromisso com a verdade dos fatos e das opiniões.

A visão da justiça, que temos visto ser distorcida ao longo dos séculos, também parece estar em processo de mutação. Quando os trabalhadores empunham faixas e cartazes reivindicando menor jornada de trabalho semanal, aumento salarial, creches para seus filhos, ajudas para saúde, alimentação e transporte, dentre outros benefícios sociais, bem sabemos que no fundo o que se deseja é a justiça social. Uma justiça abrangente, de responsabilidade participativa e ensejadora de uma justa distribuição de renda. Sinais positivos, nesse campo, mostram o aperfeiçoamento das instituições representativas de trabalhadores: sindicatos, federações e confederações, associações de moradores. Organizações Não-Governamentais (ONG) também proliferam em todo o mundo. Defendem as mais diversas causas, do urso panda ao mico leão, da mata atlântica às savanas, dos meninos de rua às prostitutas infantis, da medicina alternativa à energia nuclear para fins pacíficos, dos aborígenes australianos aos indígenas da América.

O progresso da homeopatia, em contraponto à medicina alopática, também reviram os fundamentos da medicina moderna. A necessidade de encontrar na Natureza a panacéia para todos os males. O resgate da arte de curar dos antigos, uma cura que não tenha contra-indicações e seus nocivos efeitos colaterais; e, também, da utilização de métodos espiritualistas, como o uso de orações e súplicas. Nessa vertente observamos o progresso acelerado da cura pela água, os florais de Bach e a grande aceitação das plantas e ervas medicinais, ensejando o florescimento das farmácias de manipulação. Uma nova concepção da cura que resgata o poder lúdico, da música e da dança como formas de liberar o potencial humano de seus tormentos e nos remete aos mitos que se entrelaçam na memória coletiva da raça humana.

A idéia de ecumenismo, onde as religiões e os diversos credos devem conviver pacificamente, para uma visão ampla de que a base de todas as religiões é uma só: servir e adorar o mesmo Deus. Nesse caso, a teologia moderna deve considerar a revelação divina como progressiva: a verdade religiosa é relativa, não absoluta. Nessa ótica, o hinduísmo (Krishna), o budismo (Buda), o judaísmo (Moisés), o cristianismo (Jesus), o islã (Maomé), a Fé Bahá'í (Bahá'u'lláh) representam diferentes estágios na evolução da revelação religiosa. Assim, também, vemos o surgimento do Conselho Mundial de Igrejas, do World Wildlife Fund (Fundo Mundial para a Natureza) e das Associações Interreligiosas. São os primeiros passos concretos para um novo paradigma de relações, onde o maior beneficiário será o espírito humano.

Imaginemos, agora, um mundo com todas essas transformações em sua plenitude!

As palavras de Chaplin, em seu libelo anti-belicista - conhecido como o Último Discurso, no filme O Grande Ditador, a nos lembrar que "não somos máquinas, homens é o que somos!" E que é concluído com um comovente apelo no ar: "Ergue os olhos, Hannah!" E Hannah aqui é o símbolo humano que representa cada um de nós.

Apesar de estarmos vivendo as dores do parto desta nova era, ainda não nos apercebemos disso inteiramente. Não obstante, de maneira inexorável, seguimos rumo a um maravilhoso destino, não importando que temores e retrocessos tenhamos que enfrentar, ou mesmo se o desânimo vez por outra recair sobre nós. A verdade é que somos uma geração forjadora de uma Era Áurea, inigualável, única, anseio e meta de passadas gerações.

Uma Lealdade Mais Ampla

ENGOLFADAS em uma grave crise moral e ética, as nações se debatem sobre a validade do conceito real da palavra patriotismo. Em nome desta palavra, milhões de seres humanos foram literalmente exterminados em guerras genocidas.

Da Alemanha do III Reich, na década de 40, com seu conceito infundado na supremacia da raça ariana - repositório de uma doutrina monstruosa, alicerçada no constrangimento racial, na qual era recusado o direito aos judeus, aos africanos e até aos orientais de pensar e de viver conforme seus

pensamentos e crenças, assim denunciado por Jean Paulhan (1884-1968), em seu *As Incertezas da Linguagem*, até a criação por ato de força da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, temos alguns exemplos históricos de como o ódio se torna um nacionalismo desenfreado, que desconhece o que há de mais essencial no homem: seu livre arbítrio. E a própria história da civilização se faz refém desta palavra: sem uma base real de valores éticos e morais, o patriotismo assemelha-se a uma caricatura, tal o seu desgaste no contexto de um mundo interdependente, transformado em uma grande aldeia global, pelo poder advindo com o progresso das telecomunicações.

A falta de sinceridade dos que se autodenominam patriotas erradicou das nações o sentimento de um autêntico patriotismo. O escritor peruano Mario Vargas Llosa no seu *Contra Vento e Maré* denuncia este patriotismo "na literatura que fornece amparo aos militares e aos funcionários que costumam ser pobres literariamente".

André Gide (1869-1951), no seu *Defesa da Cultura*, é enfático ao afirmar que os nacionalistas deram à palavra patriota um sentido estreito, obstinado e hostil, conceitos estes que "não ousamos mais empregar"; e denuncia um dos maiores males de tal patriotismo: "não podemos admitir que o amor ao país de origem de cada um seja principalmente feito do ódio aos outros países..."

No importante ensaio *A Federação e a Unidade da Itália*, Proudhon (1809-1865) coloca a questão com grande objetividade sobre o futuro da raça humana: "Pereça a pátria e salve-se a humanidade."

Nunca é demais recordar a história. Na Grécia, o patriotismo, era a interminável discussão de seus cidadãos, na polis, e como assinalou Ortega y Gasset, não se pode entender a cultura mediterrânea sem esse "genial apetite de conversação". Foi o apogeu das cidades: lugares onde o sentimento de patriotismo confundia-se com a própria vida cotidiana da cidade.

Os filósofos gregos tinham uma visão peculiar de pátria. Para Cícero (106-43 a.C.), a definição era toda abrangente, cristalizando o anseio universal de um mundo uno, acima de fronteiras: "onde me sinto bem, minha pátria é aí" escrevia ele no Capítulo V, de *As Tusculanas*. Para Ovídio (43 a.C. - 17 d.C.), em *Fastos*, o conceito estava relacionado com a força - enquanto valor moral - podendo também ser visto como força de caráter: "Qualquer país é pátria para os fortes, como o é o mar, para os peixes." Para os gregos, a condição essencial da cidadania era a participação ativa do indivíduo

na vida pública.

O crepúsculo da polis comprometia a lealdade à lei. Como assinalou Gilberto Kujawski "o homem, jogado ao relento, sem o abrigo e o aconchego da polis, proclama-se cidadão do mundo, o que, longe de indicar um estado de euforia e de alargamento da consciência, como pode parecer, denotava apenas que o desespero do homem helenista, alijado da polis, era tão grande e desmedido quanto o próprio mundo. Cidadão do mundo, náufrago do desespero."

Em Roma, constata-se que a substância de sua história residia em seu direito público. O ponto chave era o princípio de segurança do Estado romano. Portanto, os historiadores são concordes em afirmar que o amor à segurança do Estado era a forma de se ver o patriotismo romano. Os jurisconsultos e filósofos romanos também encontraram no conceito de pátria um tema aguçado para suas reflexões.

Quinto Cúrcio, no primeiro século da era cristã, afirmava ser "pátria, todo lugar que o homem forte escolher para morada". Deve ser destacado o pensamento modernista de Caio Júlio César, que teve uma visão unificada de Roma, incluindo-se suas províncias, através da demolição dos muros de Roma. Tal idealismo sem limites teve como reação seu assassinato, por parte da nobreza conservadora em sua época.

Enquanto na Grécia o patriotismo dava-se naquele "plebiscito diário", em Roma fundava-se este no direito, algo firme como a rocha no qual se achava encravado o mundo.

As relações entre os grupos sociais da Antiguidade fundavam-se, principalmente, na força. Os Estados antigos nasceram da luta constante com os Estados limítrofes e com os povos bárbaros, seus vizinhos.

O ataque maciço encetado no século VIII pelo Islamismo na Europa marcou a união do Continente com o Cristianismo, abrindo novas lealdades fundadas no sentimento religioso. A história da Espanha, enquanto Estado, dá-nos uma visão do significado social e espiritual de tal conflito. Nessa época, o império assírio, absorvendo os Estados menores do Ocidente Asiático, chegou a constituir um poder universal.

O Islamismo foi a primeira grande religião mundial a mencionar o conceito de unidade nacional. Nascido em 570 d.C., em Meca, então capital da Arábia, Maomé encontrava-se no meio de um povo formado por mais de cem tribos belicosas, herdeiras de uma tradição de politeísmo e que haviam resistido às diversas tentativas de evangelização, considerando as guerras como sendo a única ocupação digna do homem.

O desafio de Maomé era nada menos que converter seu povo ao monoteísmo e consumir sua união, fundamentada na fé religiosa. Ensinando princípios éticos semelhantes aos do Antigo Testamento, declarando-se um Porta-Voz de Deus, encontrou forte oposição de seus contemporâneos, o que lhe obrigou a partir de Meca para Medina, cidade onde começou a cumprir a verdadeira missão de sua vida: construir uma nação espiritual. No Alcorão, seu livro sagrado, Maomé revelou como sendo uma ordem divina: "Que haja em vós uma nação que convoque para o bem."

T.W. Arnold em *The Preaching of Islam* atesta que "as tribos árabes foram assim impelidas a submeterem-se ao Profeta, por ser ele não apenas o chefe da mais poderosa força militar da Arábia, mas também o expoente de uma teoria de vida social que estava tornando fracas e ineficazes todas as demais. Conseguira Maomé introduzir na sociedade anárquica de seu tempo um sentimento de unidade nacional, uma consciência de direitos e deveres mútuos como jamais os árabes haviam sentido".

Cognominado de O Construtor das Nações, a Mensagem de Maomé poderia ser codificada nos seguintes princípios básicos:

- * O patriotismo era parte da Fé.
- * Havia um idioma compulsório para todos, cuja adoção era requisito básico de cidadania no império islâmico.
- * Não existia distinção de classe, e se estabeleceu igualdade de direitos entre todos os muçulmanos.
- * Havia um sistema jurídico, com suas leis e cortes de justiça, independente da vontade do governo.

* A todo cidadão era assegurado o direito de ser membro real e verdadeiro da nação, assim como numa democracia moderna.

* Era um Estado Teocrático.

O teólogo muçulmano, Siyyid Amir Alí, em seu *The Spirit of Islam* resumiu com objetividade a contribuição islâmica ao mundo: "O Islã deu ao povo um código que, por arcaico que fosse em sua simplicidade, era capaz do desenvolvimento máximo, de acordo com o progresso da civilização material. Concedeu ao Estado uma constituição flexível baseada numa justa apreciação dos direitos e dos deveres humanos. Limitou impostos, fez todos os homens iguais perante a lei, consagrou os princípios do autogoverno. Estabeleceu um controle sobre o poder soberano pela subordinação da autoridade executiva à lei - lei esta baseada na sanção religiosa e nas obrigações morais."

Historiadores ocidentais parecem unânimes em considerar o nacionalismo como a real contribuição criadora de Maomé, para o desenvolvimento humano.

Na segunda metade do século XV, começa a tomar forma o conceito de um patriotismo nacional. É iniciado o processo de formação de nações no continente europeu, com a alavancagem da França, Inglaterra, Espanha e Portugal.

Este irromper dos primeiros estados-nações coincidiu com o período das grandes navegações e do "alargamento do mundo".

Um fenômeno cultural especialmente importante no processo formativo das nações é a constatação que a língua tem sido o grande catalisador de unidade nacional.

O poeta Fernando Pessoa (1888-1935), no *Livro do Desassossego*, de seu alter-ego Bernardo Soares, declara que "não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa."

O pensador Albert Camus (1913-1960) visita o tema, afirmando que "tenho uma pátria: a língua

francesa"; e ainda com pequenas variações, Jorge de Sena (1919-1978), em seu livro Poesias, assim se define: "eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria de que escreve é a língua em que por acaso de gerações, nasci."

Muito se poderia registrar sobre o processo formativo das nações e, por conseguinte, da própria idéia de pátria, no entanto deve-se levar em consideração que tal idéia tem sinalizado a história do mundo, visto com um sentimento individual tão importante quanto as tradicionais forças da alma humana.

Stendhal (1783-1842) escreveu que "a verdadeira pátria é aquela onde encontramos o maior número de pessoas que se parecem conosco"; enquanto Byron (1788-1824) registrava em Os Dois Foscaris que "quem não ama a sua pátria, não pode amar coisa alguma".

Michelet (1798-1874) sintetizou seu pensamento com a oportuna reflexão: "Quanto mais o homem avança e penetra no espírito de sua pátria, melhor contribui para a harmonia do globo: aprende a reconhecer essa pátria, em seu próprio valor e em seu valor relativo, como uma nota em um grande concerto; através dela, toma parte nele; nela, ele ama o mundo. A pátria é a necessária iniciação na pátria universal."

Rui Barbosa (1849-1923), em seu renomado discurso no Colégio Anchieta, em 1903, afirmou que "a pátria é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a bem-querença, o sacrifício."

Feitas estas considerações, é particularmente necessário chamar a atenção para o pensamento de Shoghi Effendi (1897-1957), o líder mundial da Fé Bahá'í, que fora enfático ao prenunciar o estabelecimento de uma nova ordem mundial, como fruto da mais recente revelação divina trazida por Bahá'u'lláh (1817-1892). Sua visão da humanidade constitui um excelente resumo da história das nações, dentro de um contexto evolutivo.

Ele afirmou que "o princípio da Unidade do Gênero Humano representa a consumação da evolução humana - uma evolução que teve seus primórdios no despontar da vida em família, seu desenvolvimento posterior ao alcançar a solidariedade de tribo, a qual por sua vez, levou a

constituição da cidade-estado, cuja expansão subsequente resultou na instituição das nações independentes e soberanas."

A visão que ele compartilhou com a humanidade em seus escritos é holística, em essência, e nas suas palavras declara que "a unificação da humanidade inteira é o distintivo da etapa da qual a sociedade humana atualmente se aproxima"; e que uma vez estabelecida a unidade da família, de tribo, cidade-estado e de nação - "a unidade do mundo é agora a meta à qual a humanidade, em sua aflição, dirige seus esforços."

A crença de Shoghi Effendi repousa na inabalável convicção de que Deus - o Senhor da História - tem um desígnio para a raça humana e que a interdependência dos povos e nações do mundo "não obstante o que digam ou façam os que incentivam as forcas divisoras do mundo - já é fato consumado".

Longe de expor um libelo contra um patriotismo são e legítimo, Shoghi Effendi referira-se ao nacionalismo desenfreado que ao longo a história humana, vitimou povos e nações, e afirmara ter chegado o momento em que tal sentimento deveria ceder lugar "a uma lealdade mais ampla - ao amor à humanidade como um todo".

Os primeiros índices de que tal previsão começa a ser, finalmente, assimilada na vida diária das nações do planeta é a aprovação unânime de um arrojado plano de unificação do continente europeu.

No âmago desse plano, encontram-se as facilidades de que todos os países signatários desse Acordo de Unificação continental passarão a desfrutar: extinção de barreiras econômicas, liberação de fronteiras dos países, adoção de um padrão monetário comum e de um sistema unificado de pesos e medidas, favorecimento do intercâmbio cultural, legislação comum - são alguns dos fatores que reputamos extremamente positivos.

Não se poderia afirmar que o exemplo europeu seja o único, mas talvez o primeiro nessas proporções. No cenário internacional, bem podemos discernir variados movimentos de unificação. Na América do Sul temos um tímido início, com o estabelecimento de um Mercado Comum do

Cone Sul, o Mercosul. Na América do Norte aprovou-se o Acordo de Unificação dos Estados Unidos, Canadá e México; e tudo nos leva a crer que o modelo era existente, em breve cederá lugar "àquela lealdade mais ampla" de amor ao gênero humano, referida por Shoghi Effendi.

Nos últimos anos, dois eventos realizados no Brasil lançaram nova luz sobre a visão de Shoghi Effendi. O primeiro, a realização da II Conferência Mundial de Meio-Ambiente e Desenvolvimento, a ECO-92, no Rio de Janeiro, reuniu em uma Cúpula histórica e única nos anais da história das nações a quase totalidade dos chefes de estado do mundo. Todos deixaram de lado suas discordâncias e se concentraram no bem comum de seus povos e na preservação do planeta. O segundo evento foi a Reunião dos Países Ibero-Americanos, em Salvador, e teve como tema central Unidade e Desenvolvimento.

Os próximos anos serão repletos de novos indícios e, então, veremos que a inescapável missão dessa geração de governantes e governados, igualmente, não é outra que o estabelecimento de um novo patamar de relações internacionais, dentro do conceito enunciado por Bahá'u'lláh de que "a terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos".

A Lei é Soberana

A MELHOR salvaguarda de uma nação encontra-se na observância e acatamento pleno de seu ordenamento jurídico, que tem como fonte primordial a Constituição Federal, sua Carta Magna.

Vivemos em um tempo marcado pela falta de perspectivas favoráveis ao bem-estar e tranquilidade da nação brasileira, um tempo em que o princípio legítimo da autoridade encontra-se comprometido pela ausência de cumprimento da Lei, o que nos remete para um clima de crise, caracterizado principalmente pela exaustão sem paralelos da fonte da autoridade moral, que deve residir, precípuamente, naqueles que são detentores de poder decisório nos níveis federal, estadual e municipal.

"A lei é soberana e a ela todos devem obedecer." É o princípio moral e ético a ser invocado. Sempre que este princípio é violado, temos como consequência a instabilidade institucional, gerando seqüelas nas esferas política, econômica e social.

A sociedade não mais considera o "jeitinho brasileiro", tão decantado na filosofia popular, como legítimo, uma vez que tal expressão passou a figurar como um conceito-ônibus - aquele no qual ações delituosas, favorecimentos ilícitos e outras formas de corrupção encontram-se abrigados.

A responsabilidade dos governantes em coibir o enraizamento de desvios de comportamento social, como norma de conduta, é de todo imperativo, pois os exemplos das autoridades passam a ser vistos pelos governados como espelhos a serem refletidos.

Sentimos ser oportuno convidar a sociedade brasileira a uma pausada reflexão sobre a essência da crise que, cíclica, periodicamente prejudica o desenvolvimento do país, causando danos imensuráveis à população e comprometendo as futuras gerações. E esta essência é tanto moral quanto ética.

No memento em que valores imutáveis como a honestidade, a veracidade, a lealdade são questionados e estes questionamentos passam a ser considerados como normais na vida do país, encontramos-nos, então, no caminho de desintegração moral, qual seja: a derrocada dos padrões que tornam um povo nação, subvertendo os salutares alicerces de um patriotismo são e altruístico.

É imperativo refletir sobre o espírito da época em que vivemos, quando a comunidade internacional se torna mais e mais interdependente e busca uma unidade política, social e econômica, como estágios avançados do sonho dourado de passadas gerações, expresso de forma cristalina nas palavras de Bahá'u'lláh: "a terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos".

O Brasil por sua multifacetada diversidade racial e étnica, por sua longa tradição de país pacifista e pela posição que ocupa no cenário internacional, tem uma missão a cumprir na realização do conceito de cidadania mundial.

Se observarmos atentamente os estertores da situação a que denominamos crise, constataremos que a nação clama por justiça, enquanto valor moral, ornamento maior do caráter humano, bem como justiça nos aspectos derivativos de justiça social e econômica; enfim, um valor a ser preservado em todos os relacionamentos humanos, sejam institucionais ou individuais, e que está alicerçada nos pilares da recompensa e da punição.

Quaisquer medidas corretivas - para terem efeito duradouro e visando erradicar por completo este mal que, como uma epidemia, atinge o país - devem inevitavelmente, refletir a preocupação de sanar moral e eticamente o tecido social do qual é feito o Brasil.

Leis promulgadas com elevado espírito de justiça e de todos aqueles valores previamente mencionados, encontrarão guarida no seio da população reforçando em cada um, o sentimento de proteção da lei como base para a restauração da ordem, além de ensejar um campo propício para o exercício pleno da cidadania.

O livro da história, vide Gibbon ou Toynbee, está repleto de exemplos das causas da ascensão e queda dos povos; e em todas as páginas pode-se discernir o princípio de integração e desintegração. A integração tem se manifestado através da ordem ou lei, amparada na justiça, visando o bem estar e a tranqüilidade dos povos e o seu reverso dá-se, exatamente, pelo eclipse, parcial ou permanente, do sol da justiça.

O momento é de reflexão sobre esta situação que, ainda se pense transitória, causa infelicidade à nação e compromete seu radiante futuro.

Da Ética e do Jeitinho Brasileiro

- DEIXE que vou dar um jeitinho.

Quantas vezes ouvimos esta frase mágica em nosso cotidiano! O jeitinho, em questão, não é outro senão aquele que buscamos para contornar algum imperativo legal, ou mesmo de ordem moral. De tão assimilado em nossa sociedade, já deixamos transparecer em outros países essa nossa característica de apelarmos, nas horas difíceis, para o famoso jeitinho brasileiro.

Ao estacionar o carro em local proibido, ao furar a fila em algum banco ou na telefônica, ou mesmo para adquirir um emprego sem passar por todas as formalidades previamente anunciadas, eis que surge o jeitinho.

Aparentemente inocente, simpático até, a forma de solicitar o jeitinho varia de pessoa para pessoa e

de autoridade para autoridade; mas, em todos os casos, a essência é a mesma: burlar o estabelecido, passar por cima da lei, auferir privilégios e benefícios.

O bordão de Boris Casoy para "passarmos o Brasil a limpo" somente terá efeito se nos detivermos sobre as causas e a prevenção de nossa conduta como cidadãos, no respeito ao dispositivo legal de que a lei é para todos e a ela todos devem se submeter.

Fonte precípua de corrupção, elemento de desagregação do conceito de cidadania, crescemos com uma visão deturpada da lei. E o memento onde a Lei da Selva, que é a do mais forte, e também a Lei do Gérson de sempre querer levar vantagem, torna a dianteira e solidifica o sentimento de que a lei deve ser para os outros, não para nós mesmos; e que a lei somente deve ser invocada se em benefício próprio - em contraposição com o benefício da sociedade como um todo.

Em 25 de agosto de 1992, ao proferir uma palestra para os formandos do curso promovido em Natal pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), abordei este tema. O título de minha palestra era: Ética na Política. Naquela tarde, o senador Almir Lando lia o relatório da CPI, da qual o Deputado Benito Gama era o presidente, com cobertura televisiva em cadeia nacional.

Uma das conclusões a que cheguei era a de que o ensino básico precisava passar por uma completa reformulação. Em minha visão, tão importante quanto uma criança aprender e alfabeto e o sistema numérico, deveria ser, paralelamente, ensiná-la com exemplos práticos o significado de princípios morais e éticos como honestidade, veracidade, fidedignidade, acatamento às leis.

Natural, que os adultos pudessem exemplificar tais pressupostos morais. No entanto, é impossível visualizar uma nação próspera, fraterna e justa, sem que o fortalecimento desses aspectos comezinhos, condizentes com a formação de um caráter nobre, estejam firmemente enraizados.

Uma sociedade áurea não será construída com indivíduos de chumbo. Mais do que nunca, essa afirmação mereceria uma reflexão profunda dos pais e educadores e, também, daqueles que são formadores de opinião em suas diversas áreas de abrangência.

Mas, como jogar luz sobre ética e moral em um país tão dilacerado pelo mau-caratismo, onde vemos nos telejornais "a vida como ela é" a nos convidar como meros expectadores e, com o tempo, a considerar a situação atual como absolutamente normal? É o momento de questionar os valores morais nas pautas dos telejornais, as mensagens, explícitas ou subliminares, que a dramaturgia televisiva nos serve a cada noite.

Não se trata de censura, trata-se de posicionamento. Existe um bem maior a ser preservado e que diz respeito ao futuro da nação: o que estamos fomentando nas mentes das crianças colabora com a construção de um novo Brasil?

Nos Estados Unidos, li no The New York Times, que as próprias emissoras de televisão se reúnem para adotar um código de ética. O primeiro fruto foi o de que cada programa a ser exibido na telinha doméstica passará a ter uma espécie de certificado, não de censura, mas de advertência aos pais sobre a idade recomendada para sua audiência.

É um passo inicial, nada mais que isso, mas um grande passo na ótica de uma educação moral. É bem verdade que, não faz muitos anos, tínhamos no Brasil tais certificados, estes de censura: "cenas de sexo explícito", "violência excessiva" e "violência moderada". Existirá algo mais patético do que o adjetivo "moderado" seguindo e substantivo "violência"?

Não precisamos de uma excelente memória, uma vez que os enredos das novelas se repetem à exaustão, para constatar que os personagens que possuem algum senso moral alcançam pouco IBOPE em detrimento de outros não tão éticos assim, que, em sua maioria, tornam-se personagens símbolos da vida nacional. Odete Reutmann ou o médico Felipe Barreto, os mais recentes, exemplificam essa crua afirmação. E que fim levou o Beija-Flor, aquele personagem simpático e que era ridicularizado por ser honesto?

A maior tragédia de um homem é aquilo que morre dentro dele, enquanto ainda está vivo. E lamentavelmente o que morre primeiro são os seus sentimentos mais tenros, aqueles que remontam à sua infância. Saint-Exupéry, como grande humanista que foi, certa vez assim se autodefiniu: "Sou de minha infância como se é de um país."

Nesta era da informação global, uma época predita por Daniel como sendo um tempo "em que o conhecimento encheria a terra assim como as águas enchem o mar", de Gramsci, e MacLuhan, os meios de comunicação em massa tem uma responsabilidade que transcende os simples números do Ibope. Uma responsabilidade com as novas gerações. Algo assim inescapável.

A Utopia como Matéria

Prima da Realidade

QUANDO me perguntaram que lugares gostaria de conhecer, dois nomes me cruzaram a mente: Utopia, de Thomas Mores e Pasárgada, de Bandeira. Quem sabe, colaborar para a realização integral de seus postulados como ideais para uma vida pacata e feliz?

Estou em Natal e aqui sou signo do mundo, um mundo em acelerada mutação. Ainda bem que para melhor. E isso, apesar dos céticos, na emergência de uma Nova Ordem Mundial. Não a Pax Americana, nem o sol crescente japonês, nem a idéia da Belíndia, tão comum no Brasil dos anos oitenta. Mas sim fincar raízes aqui em Natal, e nutrir o sentimento de pertencer a este mundo que segue inexoravelmente para seu destino: a unificação.

Terminado o conflito ideológico que abalou o mundo por quase um século, desaparecendo um muro em Berlim, resta-nos fazer uma colagem do que restou. São os versos e a voz de Marina Lima à pergunta "quem vai colar os tais caquinhos do velho mundo?" E a resposta monossilábica e única possível: nós.

Nunca houve tanta esperança como hoje. A esperança que se resgatou dos ideários políticos e sociais, para se alojar no Coração do homem. Definitivamente. Existe uma frente de trabalho que, mesmo que ainda submersa, está a nos convocar para erguer um novo patamar nas relações humanas. O resgate do ser humano integral, que busca aliar suas necessidades materiais e espirituais e, dessa conjugação, emergir solene no palco de um Novo Mundo.

Para Câmara Cascudo, o potiguar univérsico que deitou raízes em nossa consciência, "o homem moderno deve ter um telescópio em um olho e um microscópio no outro".